



RITUAL ALMENARA

a partir do episódio histórico de 1383/85

escrito por Fernão Lopes na crónica de D. João I

17 SET | 21H00 | TODAS AS IDADES

ARTES PERFORMATIVAS

ENTRADA GRATUITA MEDIANTE RESERVA | SUJEITA À LOTAÇÃO DOS ESPAÇOS

RESERVAS PARA CASTELO DE PALMELA +351 961 387 583

RESERVAS PARA CASTELO DE S. JORGE +351 218 800 620

TEATRO O BANDO

COMPANHIA DA ESQUINA

direção artística JOÃO BRITES e JORGE GOMES RIBEIRO

coprodução CÂMARA MUNICIPAL DE PALMELA e EGEAC/CASTELO DE S. JORGE

O RITUAL ALMENARA acontece em simultâneo no Castelo de Palmela e no Castelo de S. Jorge.

A partir do episódio descrito por Fernão Lopes na crónica de D. João I no contexto da revolução de 1383-1385, quando o Mestre de Avis está cercado em Lisboa pelos castelhanos, Nuno Álvares Pereira, no Castelo de Palmela, acende uma almenara como forma de comunicação com o Castelo de Lisboa.

O RITUAL ALMENARA assenta num conceito de diálogo entre as duas margens do rio Tejo, na história, na identidade, no património e na cultura das duas regiões, exaltando a memória coletiva e o fenómeno da comunicação.

O RITUAL ALMENARA pretende celebrar um grande evento através do teatro, da música, das artes performativas, da voz e da multimédia de modo a consolidar a valorização do património histórico num espetáculo de luz e som entre o Castelo de Palmela e o Castelo de S. Jorge.

ALMENARA

percurso criativo a caminho dum ritual

APRESENTAÇÃO DO PROJETO

PONTO DE PARTIDA

Tendo lugar no dia 17 de Setembro de 2016, o RITUAL ALMENARA será um evento que acontecerá simultaneamente no Castelo de Palmela e no Castelo de S. Jorge, em Lisboa, estando responsável pela direção artística do polo de Palmela João Brites (Teatro O Bando) e pelo polo de Lisboa Jorge Ribeiro (Companhia da Esquina). Almenara é um programa de ação a desenvolver através de uma parceria constituída pelos Municípios de Palmela e Lisboa, com base em atividades comuns e outras específicas para cada território e para cada Castelo, numa lógica de ligação das duas Cidades, das duas Regiões, das duas margens. A designação Almenara remete para o episódio descrito por Fernão Lopes, na crónica de D. João I, no contexto da revolução de 1383-1385, quando o Mestre de Avis está cercado em Lisboa pelos castelhanos e Nuno Álvares Pereira acende uma Almenara no Castelo de Palmela como forma de comunicação com Lisboa e com o Castelo de S. Jorge.

Procurando pontos de contacto entre as diferentes visões e abordagens, pretende-se, em conjunto, desenvolver duas ações independentes que se interligam na sua lógica conceptual, técnica e artística. Tendo sido já definidos os elementos e características distintas entre os dois polos do espetáculo, as linhas que aqui apresentamos são o reflexo de dicotomias e de sinergias que alicerçam a estrutura conceptual do projeto.

PALAVRAS CHAVE

:: Transumância
:: Gentes
:: Chocalhos
:: Concentração
:: Rebanhos
:: Pessoas
:: Etnologia
:: Fado
:: Pastoreio

- :: Ancestralidade
- :: Rio
- :: Descoberta
- :: Vozes
- :: Palavras
- :: Poesia
- :: Comunicação
- :: Catarse
- :: Comunhão
- :: Ritual
- :: Pôr-do-Sol
- :: Mensagem
- :: Memória Coletiva
- :: Celebração
- :: História
- :: Identidade Atlântica

RITUAL ALMENARA PALMELA

O RITUAL ALMENARA PALMELA celebra a história e vivência do território, tendo como principal âncora o Pastoreio, uma prática constante na vida da Vila, símbolo de uma cultura rural ancestral que tendo atravessado tantas eras e culturas, se mantém viva até aos dias de hoje. Celebrando o Pastoreio, O Bando identifica as Ovelhas como elemento matriz, imagético e metafórico da construção da linguagem do evento, representando simbolicamente a Almenara. São essas mesmas Ovelhas, que partindo duma existência real relacionada com o contexto histórico do Concelho, partem para um plano ficcional e imaginado. Sonhamos assim com Ovelhas que voam, como signo da imaginação que pode alcançar todos os impossíveis, como signo de uma fogueira acesa que permite ainda a esperança e a utopia.

Desenvolvendo também uma estreita relação com os produtores da região, o evento iniciar-se-á ao final do dia, no crepúsculo, com vários rebanhos de ovelhas a aproximarem-se do Castelo, atravessando as ruas da Vila, qual exército que galga até ao objetivo na vontade de o sitiar. Este percurso será registado através de filmagem aérea para ser projetado durante o evento.

As Ovelhas voadoras constituem um momento âncora do evento que será composto por elementos teatrais e musicais que se desenvolvem ao longo desse encontro inusitado. A construção dos quadros teatrais está alicerçada em diálogos sobre o amor que nos indiciam um futuro de redenção e esperança como resposta ao cataclismo e ao sacrifício.

Artisticamente, a composição musical inédita do maestro Jorge Salgueiro trabalhará a partir de elementos distintivos da ambiência do espetáculo, como o som dos Sinos dos Castelos, o espaço cénico de grandes dimensões, aberto, amplo, indutor de uma música concebida para um espaço acústico imaginariamente correspondente. Esteticamente busca o atemporal, evita as referências histórico-sociais e integra o conceito processional e a ideia de ritual.

Mantendo a ligação com a grande fogueira que em 1384 D. Nuno Álvares Pereira mandou acender em Palmela para comunicar com o Castelo de S. Jorge, pretende-se que o RITUAL ALMENARA PALMELA comunique com o evento RITUAL ALMENARA LISBOA desejando também uma forte presença do Fumo e do Fogo. Esta ligação de conteúdo e de linguagem teatral e estética irá estabelecer-se através de elementos narrativos que se completam nos dois eventos mas também a partir do recurso à tecnologia, nomeadamente de elementos visuais de projeção comuns aos dois espetáculos.

ALMENARA parte assim dum conceito que se estabelece através do diálogo entre as duas margens do rio Tejo, assentando na informação histórica, na identidade, no património e na cultura das diferentes regiões, e pretendendo também exaltar a memória coletiva e o fenómeno da comunicação.

RITUAL ALMENARA LISBOA

Assim como o RITUAL ALMENARA PALMELA fundamenta como base da sua intervenção a ancestralidade, o pastoreio e a transumância, o RITUAL ALMENARA LISBOA fundamenta-se, como a sua cidade, enquanto lugar de muitas línguas, de fluxos transitórios de gentes, de repositório de memórias culturais e etnológicas. Uma transmigração de pessoas que o Tempo se encarrega de assimilar, transformando em tempo estrutural os costumes herdados, rituais e comunhão de culturas representados por fenómenos de expressão etnológica como o fado, a língua ou a ligação ao Atlântico.

O polo de Lisboa pretende celebrar um evento de características contemporâneas com acentuada presença de uma simbologia urbana e recorrendo a uma etnologia da cidade de Lisboa, como é por exemplo o fado ou a estrutura operática do evento. Também na sua forma física e componente dinâmica dos intervenientes e performers, recorre principalmente às artes performativas e circenses, constituindo-se um espetáculo que privilegia a verticalidade, o que contagia também a sua cenografia. Pretende-se assim construir um espetáculo de modo a celebrar a lusitaniedade e os padrões das subculturas de Lisboa. Sem protagonizar as diferenças com os castelhanos, é nossa intenção sublinhar um percurso que compreende o espaço entre uma memória residual que advém do Almenara e deste episódio histórico e a celebração da

reconciliação, da proximidade de identidade dentro deste ambiente cénico de duas margens, duas pontes, dois povos e duas perspetivas.

Almenara é para todos os efeitos um espetáculo que celebra o Fogo e o Fumo e revisita a guerra e a reconciliação com a memória coletiva. Confronta as gentes com essa memória e com esse testemunho. Mas também é um espetáculo de redenção. Depois do Caos que a guerra provoca, o início da paz gera uma nova possibilidade, despoleta um ciclo de paixões e de pulsões anímicas que elevam e entusiasma *as gentes*. Pretendemos assim aproveitar, através da performance e das coreografias e da dança aérea, essa *pulsão*, esse temor e essa celebração. É nossa vontade contaminar também esta emoção às paredes do Castelo de S. Jorge através da multimédia e de modo a *pintar* as paredes do Castelo com as tensões e paixões do percurso da encenação que se auxilia de um trajeto musical. O fundo musical é formado por uma pequena orquestra de cerca de doze elementos que transcreve para música a dramaturgia, evidenciando os diferentes momentos e a morfologia do espetáculo.

Como apoio à oralidade do espetáculo, propomos alguma análise de diferentes textos que poderão englobar a componente trágica e saudosa mas também sanguínea e celebrativa do espetáculo, passando tanto por influências da nossa literatura tradicional, como por autores como Fernando Pessoa ou António Patrício. RITUAL ALMENARA LISBOA cruza então a memória coletiva das gentes contemporâneas com o episódio de 1383-85. De algum modo esse episódio é constante ao longo de todo o trajeto das pessoas dos nossos bairros e cidades. É a união de um povo e a sua resistência através dos tempos, mas também junto por um fator coletivo de migração, de guerra e de paz, de caos e de ordem, de choro e de celebração. Essa memória coletiva é tão forte que despoleta ainda hoje a sua celebração.

ALMENARA parte assim dum conceito que se estabelece através do diálogo entre as duas margens do rio Tejo, assentando na informação histórica, na identidade, no património e na cultura das diferentes regiões, e pretendendo também exaltar a memória coletiva e o fenómeno da comunicação.

JOÃO BRITES

É dramaturgista, encenador e cenógrafo. Nasce em Torres Novas em 1947. Exilado político em Bruxelas, termina aí o curso de Gravura e frequenta os cursos de Pintura Monumental e de Cenografia, na ENSAAV, La Cambre. Realiza exposições individuais e participa em exposições coletivas. Funda em 1974 o Teatro O Bando. É cofundador da delegação portuguesa da ASSITEJ, coorganiza os Primeiros Jogos Populares Transmontanos em Vila Real e entre 1999 e 2008 é diretor artístico do Festival Internacional de Artes de Rua.

É o diretor da Unidade de Espetáculos da EXPO'98 e em 1999 recebe o grau de Comendador da Ordem do Mérito. Em 2008 ganha o Prémio Anual da APCT, com o espetáculo SAGA e vê recentemente a sua criação QUIXOTE receber o prémio de Melhor Espetáculo 2010 (SPA/RTP). Foi, em 2011, o comissário da Representação Oficial Portuguesa na 12ª Quadrienal de Praga.

Ao longo de 41 anos no Teatro O Bando, elabora como dramaturgista dezenas de versões cénicas de textos não dramáticos de autores portugueses, que posteriormente encena; concebe espaços cénicos em territórios imprevisíveis; idealiza e constrói Máquinas de Cena; e concebe e coordena grandes eventos para vários milhares de espectadores.

É autor de inúmeros artigos sobre teatro e sobre o processo de criação no bando e participa em inúmeros colóquios, seminários e congressos. Durante mais de 20 foi professor de atores na Escola Superior de Teatro e Cinema e orienta estágios e cursos de formação no domínio do teatro, dirigindo oficinas a propósito da CONSCIÊNCIA DO ACTOR EM CENA.

JORGE GOMES RIBEIRO

Fez a sua formação na Área de Relações Internacionais na Universidade Lusíada de Lisboa. Possui a Pós-Graduação em Estudos de Teatro na Faculdade de Letras da UL. Completou o Mestrado na Faculdade de Letras de Lisboa e as cadeiras de Encenação na ESTC – Escola Superior de Teatro e Cinema onde finalizou com nota de 19 valores. Prepara o Doutoramento em Artes na ESTC. Certificado de Formação de Formadores. Fez formação, colaborou e foi dirigido em encenação e realização por Guilherme Filipe, Hélder Costa, Cláudio Hochman, Maestro António Vitorino de Almeida, José Mário Branco, Maestro Francisco Cardoso, Rui Baeta, Miguel Seabra, Mariana Abrunheiro, Bruno Cochat, António Cunha Telles, Márcia Haufrecht, Bruno Schiappa, David Antunes, Jorge Marecos, Aloysio Filho, Miguel Guerreiro, Maria do Céu Guerra, Carlos Pessoa, Maria Helena Serôdio, Maria João Brilhante, José Camões, Mário de Carvalho, José Pedro Serra, Vera San Payo Lemos, Maria João Almeida e Armando Nascimento Rosa.

Trabalhou autores como Thomas Bernard, W. Shaskespeare, Federico Garcia Lorca, Tchecov, Samuel Beckett, Sófocles, Luís Costa Pires, Charles Dickens, João Pedro de Andrade, Jaime Salazar Sampaio, Sttau Monteiro, Jean Paul Sartre, Nicolau Gogol e textos coletivos e leituras encenadas de poetas e dramaturgos portugueses e lusófonos como Virgílio Ferreira, Fernando Pessoa, Ary dos Santos, Almada Negreiros e Millôr Fernandes. Representou como ator e apresentou obras de sua autoria ou adaptações em teatros como: Teatro Meridional, Teatro da Trindade, Teatro Taborda, Teatro Cinearte, Teatro Camões, Olga Cadaval, Teatro Circo de Braga, Auditório Eunice Muñoz, Chapitô e Castelo de S. Jorge entre outros. Integrou de 2004 a 2014, regularmente, o elenco d'A Barraca. Cofundador da Companhia da Esquina, onde assume a direção artística. Dos seus últimos trabalhos salientam-se Antígona, Felizmente Há Luar, A Vidraça de Jaime Salazar Sampaio, O Inspetor Geral, e as telenovelas Podia Acabar o Mundo, Sinais de Vida e Max, SIC. Adaptou, escreveu e encenou espetáculos como *Em Baixo e Em Cima, a propósito de Beckett, Rosmaninho e Alecrim, Acorda-me, Conto de Natal de Dickens, Quatro Irmãs, À Procura de Nemo, A Pérola de Jonh Steibeck, Conversas Sobrepostas ao Barulho da Cidade, Animatus e Alegria* espetáculos de teatro/performance no Castelo de S. Jorge para a EGEAC.

É autor publicado. Publicou em livro na Coleção Novos Dramaturgos Portugueses e com edição da ESTC – Escola Superior de Teatro e Cinema a peça *Em Baixo e Em Cima*. Publicou a partir da tese na FCT com o título *A Propósito de Beckett, Marcadores de Encenação*. É formador em Técnicas Performativas e professor da cadeira de dramaturgia. Foi professor do 2º ano da Escola Profissional Artes e Ofícios do Espetáculo do Chapitô. É Formador no Teatro da Luz em Interpretação e Professor de Interpretação na Fundação António Silva Leal. Assume também a programação de teatro do Teatro da Luz em Carnide. Participou em vários Festivais Internacionais como o Festlip, Festival de Língua Portuguesa no Rio de Janeiro e o CESC em São Paulo.

TEATRO O BANDO

Fundado em 1974 e constituindo-se como uma das mais antigas cooperativas culturais do país, o Teatro O Bando assume-se como um coletivo que elege a transfiguração estética enquanto modo de participação cívica e comunitária. As criações do Bando definem-se pela sua dimensão plástica e cenográfica, marcada sobretudo pelas Máquinas de Cena, e pelo trabalho dramaturgico. Na sua maioria de autores portugueses, os textos encenados são a grande parte das vezes obras não dramáticas, às quais a forma teatral confere outra comunicabilidade.

O Teatro O Bando continua a procurar o singularismo das suas criações através duma metodologia coletivista onde se procura a diferença, a interferência, a rutura, a colisão dos pontos de vista. Rural ou urbano, adulto ou infantil, erudito ou popular, nacional ou universal, dramático ou narrativo ou poético – tais as fronteiras que O Bando se habituou a transgredir.

Ao longo do seu trajeto o grupo esteve ligado a múltiplos projetos nacionais e internacionais e a aposta na itinerância continua a levar vários espetáculos por todo o país e além-fronteiras. Depois de diversas moradas, o Teatro O Bando habita hoje uma Quinta em Vale dos Barris – Palmela, onde se encontra um número ainda insuspeito de palcos potenciais feitos de estrelas, de oliveiras e penedos.

COMPANHIA DA ESQUINA

A Companhia da Esquina é uma Associação Cultural fundada em 22/04/2004 por atores profissionais. Direcionada para a criação de projetos culturais na área do espetáculo, mais especificamente do teatro, a CE trabalha a criação de textos originais ou adaptação de obras dramáticas. Os membros da sua direção artística possuem formação académica superior nas áreas de Encenação, Interpretação e Artes Performativas (ESTC) e Estudos de Teatro (FLUL) e são profissionais de espetáculo que trabalharam com os principais encenadores da cena teatral e que atuaram nas salas de maior relevância do panorama nacional.

A CE estabeleceu protocolos de interesse cultural com: Teatro da Garagem, Malaposta, A Barraca, ACIDI Programa Escolhas, Acert e manteve estreita colaboração em iniciativas de Juntas de Freguesia com especial relevância para a JF de Carnide e JF da Graça, onde residiu de 2006 a 2014 a sua sala de produção. Do seu repertório faz parte a criação de autor. São exemplo a publicação em livro com edição da ESTC, da peça "Em Baixo e Em Cima, a Propósito de Beckett"

de Jorge Gomes Ribeiro e o texto para musical "Rosmaninho e Alecrim" da autoria de Guilherme Filipe e Jorge G. Ribeiro. Também as adaptações a partir de obras clássicas fazem parte do espólio dramático e cénico do grupo.

Das suas produções destacam-se: "Rosmaninho e Alecrim", "Conto de Natal" de C. Dickens para teatro musical, a adaptação das obras editadas "A Desconstrução da Alma" e "Quando Voltares" de Luís Costa Pires (prémio novos escritores) para teatro "Acorda-me", "A Pérola" de J. Steinbeck, "Conversas Sobrepostas ao Barulho da Cidade", "Em Baixo e Em Cima" e "Antes de Começar". A CE tem apresentado os seus espetáculos em salas como o C. C. Franciscano, Taborda, Aud. Eunice Muñoz, Aud. Parque Palmela, T. Cinearte, Malaposta, Olga Cadaval, Teatro Circo de Braga, Aldeia Natal – Óbidos, C. C. Cartaxo; Aud. Joaquim de Almeida, Aud. Ruy de Carvalho, Alfândega de Fé, Samora Correia, Extremoz, Portalegre, Caldas da Rainha. É parceiro habitual em festivais como Novo Ciclo Acert Tondela, Festival Teatro Construção Joane, entre outros.

No âmbito pedagógico, faz formação e espetáculos para escolas a partir de textos de autores portugueses. Entre essas ações sublinha-se formação para jovens dos 4 aos 12 anos, no Centro Cultural Ismailis; para o NCAB, National Conciliation and Arbitration Board (entidade de mediação de conflitos da juventude). Colaborou com o Programa Escolhas e estabeleceu iniciativas culturais com o C.C. Franciscano. Os seus membros desempenham funções de formadores na área do teatro do ensino técnico-profissional e 2º ciclo e de direção de atores nomeadamente na RTP1.

No final de 2014 foi convidada pelo diretor do Armazém Aéreo (Teatro da Luz) a assumir-se como companhia de teatro residente do Teatro da Luz e responsável pela programação anual de espetáculos desta sala, função que ocupa desde 1 de Janeiro de 2015, no ano em que completa 11 anos de existência e de produção e criação cultural.